

A obra-prima de Vladimir Carvalho no Estação NET

PÁGINA 3



Ermelinda A. Paz lança uma quase autobiografia

PÁGINA 6



O sagrado na visão e nas telas de Bruno Castaing

PÁGINA 8



2º CADERNO



Divulgação

A turma que bate cabeça e forma rodas contagiantes nos shows de heavy metal entrou em polvorosa. O Monsters of Rock, o maior festival brasileiro dedicado ao gênero, montou um lineup absolutamente pesado para a sua edição de 30 anos, a oitava desde 1994. Os shows já têm data marcada: 19 de abril, no Allianz Park, em São Paulo.

Será uma experiência inigualável com mais de 12 horas do mais puro hard rock e heavy metal com os co-headliners Scorpions, Judas Priest, mais Europe, Savatage, Queensrÿche, Opeth e Stratovarius! A venda dos ingressos terá início nesta sexta-feira (1).

Somados, são mais de 100 álbuns de estúdio, centenas de clássicos e mais de 300 anos de estrada! Três das atrações vão tocar no Monsters pela segunda vez: Scorpions, Judas Priest e Queensrÿche. Nesta edição, o festival marcará a aguardadíssima volta do Savatage,

E BOTA PESO NISSO!

Edição histórica dos 30 anos do Monsters of Rock reúne lineup com bandas do Olimpo do hard rock e do heavy metal. Festival será realizado em 19 de abril, em São Paulo

Plateia do Monsters of Rock na edição de 2023, no Allianz Park

após um hiato de uma década.

Há momentos em que, sem saber, você se torna testemunha da história. Um deles é ter participado do primeiro Monsters of Rock, em um Estádio do Pacaembu lotado, há 30 anos, em 27 de agosto de 1994! Um ano revolucionário. Ano do nascimento do www (world, wide, web), a primeira página na internet; dos primeiros celulares – os tijolões.

A primeira edição do Monsters of Rock teve oito atrações de peso, em 12 de shows com Kiss, Slayer, Black Sabbath, Suicidal Tendencies, Viper, Raimundos, Angra e Dr. Sin.

Somando as oito edições deste lendário festival de rock, cerca de 700 mil pessoas participaram do evento entre 1994 e 2023.

Continua na página seguinte

Fredrik Etoall/Divulgação

**Europe**

Confira abaixo as atrações do Monsters of Rock Especial 30 Anos:

Scorpions

Há quase 60 anos os jovens Klaus Meine (vocalista), Rudolf Schenker (guitarrista e compositor) e Matthias Jabs (guitarrista) vagavam pelas ruas de Hannover com um carrinho de mão carregando os instrumentos e amplificadores. Nessas seis décadas, se tornaram a banda de rock mais bem-sucedida da Alemanha, ou melhor, da Europa. Scorpions é um dos pilares do heavy metal e tem o poder de reunir gerações de fãs desde a década de 1960. Entre as centenas de clássicos forjados desde 1965, três deles se transformaram em verdadeiros hinos: “Wind of Change”, “No One Like You” e “Rock You Like a Hurricane”, esta última já foi regravaada mais de 150 vezes por diferentes músicos em todo mundo. Eles prometem um show com seus grandes sucessos e as novas canções do mais recente álbum “Rock Believer”. Além dos três fundadores, a banda é formada também pelo baixista Pawel Maciwoda e Mikkey Dee, um dos melhores bateristas de heavy metal do mundo.

Judas Priest

O grupo mais influente do heavy metal de todos os tempos, Judas Priest se apresenta pela segunda vez no festival. Rob Halford (vocalista), Ian Hill (baixo), Andy Sneap (guitarra), Scott Travis (bateria) e Richie Faulkner (guitarra) lançaram, em março, o 19º álbum de estúdio *Invincible Shield*, e saíram em turnê nos Estados Unidos. Esse trabalho celebra os mais de 50 anos do Judas e 50 milhões de discos vendidos. O novo trabalho já bateu mais de 15 milhões de downloads e mostra toda a potência da banda, quem em 2022 entrou para o Rock & Roll Hall of Fame. “Painkiller”, “Victim Of Changes”, “Breaking The Law”, “Electric Eye” e “Exciter” são alguns dos sucessos, que os fãs de todas as idades sabem de

O lineup completo

**Scorpions**

Hans Martin Issler/Divulgação

**Judas Priest**

Divulgação

**Savatage**

cor. Além disso, vão conferir de perto a lenda Rob Halford, um dos maiores vocalistas de metal, que costuma entrar no palco de modo triunfal, com sua Harley-Davidson antes de “Hell Bent For Leather”, sua marca registrada desde os anos 1970.

Savatage

O Monsters of Rock 2025 marcará a volta do Savatage, após hiato de uma década dos palcos, com John Lee Middleton (baixista), Zak Stevens (vocalista), Chris Caffery (guitarrista), Jeff Plate (baterista) e Al Pitrelli (guitarrista). Fundada pelos irmãos Criss (guitarra) e Jon Oliva (tecladista e vocalista) em 1979, em Tampa, nos EUA, eles conseguiram gravar o primeiro álbum em 1983. No entanto, quando viviam um ótimo momento, Criss foi vítima fatal de um acidente em 1993. Em mais de 20 anos de estrada e excelência musical, o Savatage se tornou referência do metal, com sua mistura única de thrash, progressivo, power metal e hard rock.

Europe

Com quatro décadas de estrada e dezenas de milhões de álbuns vendidos, Joey

**Queensrÿche**

Jarmo Katila/Divulgação

**Stratovarius**

Tempest (vocais), John Norum (guitarras), Mic Michaeli (teclados), John Leven (baixo) e Ian Haugland (bateria) vão estreiar no Monsters of Rock em grande estilo. Em 2023, Europe iniciou a turnê mundial “Time Capsule” para celebrar os 40 anos e os 11 álbuns de estúdio lançados. Tudo começou em um pequeno subúrbio de Estocolmo (Suécia), quando Joey e John se conheceram e formaram a banda Force. Eles gravaram suas primeiras demos quando tinham 16 e 17 anos. As gravadoras os rejeitaram. Já com o novo nome Europe, provaram que todos estavam errados. Desde o segundo álbum *Wings of Tomorrow* (1984), a banda sueca Europe começou a chamar atenção, e estourou pelo mundo com *The Final Countdown* (1986), canção que bateu 1 bilhão de views no YouTube em 2022.

Terhi Ylimäinen/Divulgação

**Opeth**

Queensrÿche

Também um veterano do festival, Queensrÿche, que já vendeu mais de 30 milhões de discos, se apresentará no palco do Monsters pela segunda vez, a primeira foi em 2013. A banda de metal surgiu em 1982, nos EUA, com o lançamento de EP *Queensrÿche* de quatro faixas. Eles rapidamente ganharam reconhecimento e iniciaram turnês internacionais com apresentações lotadas. O primeiro álbum, *The Warning*, foi lançado em 1984. Já com *Empire*, em 1991, a banda foi indicada ao Grammy e ganhou o prêmio “Escolha do Espectador” da MTV, pelo hit número 1 nas paradas “Silent Lucidity”. Agora, Casey Grillo (bateria), Michael Wilton (guitarra), Todd La Torre (vocalista), Mike Stone (guitarrista) e Eddie Jackson (baixista) dizem estar na melhor forma.

Opeth

A banda sueca Opeth está na estrada há três décadas. Formada por Mikael Åkerfeldt (compositor e vocalista), Fredrik Åkesson (guitarrista), Martin Mendez (baixista), Joakim Svalberg (tecladista) e Waltteri Väyrynen (baterista), é conhecida por surpreender os fãs com trabalhos cada vez melhores. O mais recente álbum, 14º de estúdio, *The Last Will & Testament*, é o mais sombrio e pesado de todos os discos do grupo.

Stratovarius

Considerados os deuses do metal melódico, o Stratovarius vai abrir o 8º Monsters of Rock. Quase 40 anos depois do início da banda em Helsinque (Finlândia), lançaram o álbum mais sincero e épico até hoje, o poderoso “Survive” (2022). A banda é formada por Timo Kotipelto (vocais), Jens Johansson (teclados), Matias Kupiainen (guitarrista), Lauri Porra (baixista) e Rolf Pilve (baterista). Além das canções desse álbum, a banda mostrará sucessos como “Black Diamond”, “Hunting High and Low”, “Speed of Light” e “Eagleheart”.

O requiém de um mestre do olhar

Em tributo ao realizador Vladimir Carvalho, morto na semana passada, o Estação NET exhibe nesta quarta 'O País de São Saruê, um documentário que a ditadura quis calar

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Acusado por bocas do Estado fardado de "ferir a dignidade nacional", o marco da estética documental "O País de São Saruê" (1971) volta a ganhar o espaço que a ditadura lhe negou - a tela grande - no tributo póstumo que o Estação NET Rio preparou para a noite desta quarta-feira (30), às 20h, como um réquiem para seu realizador, Vladimir Carvalho, morto na última quinta-feira (24).

Alvejado por patrulhas militares muitas vezes, numa carreira iniciada em 1960, Vladimir deu ao cinema



O documentário de cineasta paraibano Vladimir Carvalho, realizado entre 1966 e 1971, é seu longa de estreia e se inspira no cordel 'Viagem ao País de São Saruê', de seu conterrâneo Manoel Camilo dos Santos

nacional um épico, "Conterrâneos Velhos de Guerra" (1991). Rodou ainda refinados retratos de artistas como o premiado "Rock Brasília" (2011), sobre Renato Russo (1960-1996), e "Cícero Dias - O Compadre de Picasso" (2016).

Foi ainda professor de muitas vezes autorais do audiovisual brasileiro, como professor da Universidade de Brasília e, fora de lá, em sua própria casa materna, formou um dos fotógrafos mais respeitados da América Latina: o também cineasta Walter Carvalho, seu irmão mais moço. Um de seus pupilos, Erik de Castro, cineasta premiado, vem cantar o legado de seu mestre neste artigo exclusivo para o Correio da Manhã.

'Mais do que em sala de aula, foi Professor em tela'

Por **Erik de Castro***

Tudo que aprendi como estudante de Cinema em "História do Documentário" - classe do professor e historiador Tom Stempel, PHD, durante meu período no Departamento de Cinema da Faculdade de Los Angeles - vi apenas, em plenitude, na filmografia do paraibano "naturalizado" brasileiro Vladimir Carvalho.

Do Cine Verité, ao Direct Cinema, juntando à linguagem do cineasta interventor, entrevistador, em cena, sem ser repórter, mas sim mais um personagem integrado à narrativa retratada no momento... Como só os grandes fazem, juntava esses e outros elementos narrativos num liquidificador celestial e cinematográfico - advindo de mestres precursores como Eisenstein, Vertov, Flaherty, Grierson, Cavalcanti - e regurgitava tudo de volta para o espectador na forma de



Marta M. Serra

Vladimir e Erik durante encontro casual ocorrido na avenida W3-Sul, em Brasília, habitat natural de Vladimir

algo novo, extraordinário, autoral... e envolvente. Entretenimento puro.

Vladimir queria o público e teve o público. Envolvia em narrativa eletrizante

com um documentário de quase três horas, como a obra-prima "Conterrâneos Velhos de Guerra" (1992). Quem conseguiu isso? Respondo: a meu ver, ninguém. Tudo que

qualquer documentarista jamais almejou está em "Conterrâneos".

Mais do que em sala de aula, foi Professor em tela.

Vimos, testemunhamos e aprendemos com gênios como Da Vinci, Shakespeare, Hemingway, Van Gogh, Mozart, Chaplin, Fellini, Welles, tantos... Cada um na sua.

E Vladimir na dele.

Da Paraíba. De Brasília. Do Brasil. Do Mundo.

Vladimir Carvalho será lembrado e exaltado pela História como um dos maiores, não só cineastas, mas Artistas, que pisaram na face da Terra.

Documentarista, para mim, foi o maior.

***Diretor do documentário "Senta a Pua!" - cujo corte final foi decidido em conversa com Vladimir Carvalho, após exibição particular do primeiro corte para o Mestre.**

ENTREVISTA / MOHSEN MAKHMALBAF, CINEASTA, ESCRITOR E ATIVISTA

Rodrigo Fonseca

'Meu cinema ambiciona mudar vidas'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quando lançou “Salve o Cinema” (1995), sob o endosso do Festival de Munique, o realizador Mohsen Makhmalbaf foi alçado ao panteão das vozes autorais que fizeram do audiovisual do Irã um oásis estético e sociológico, que, com generosidade, cedia ao planisfério cinéfilo acesso a uma cultura cercada de contradições.

Dois outros gigantes, Abbas Kiarostami (1940-2016) e Jafar Panahi, despontavam à época, cada um com um registro particular, mas todos nas franjas entre a não ficção, o ensaio e a fábula. Em sua terceira visita ao Brasil, agora no posto de jurado na 48. Mostra de São Paulo, que termina nesta quarta, Makhmalbaf olha em retrospecto esse seu tempo de formação e se põe a lembrar dos dias em que passou na prisão (sob tortura), em sua juventude, e revisita sua meninice pobre, faminta por pão. Tais vivências transbovavam de seus poros quando ele rodou seus primeiros longas e se fizeram presentes em todos os cults que teve a chance de emplacar nas telas: “Gabbeh” (Melhor Direção no Festival de Sitges, em 1996), “O Silêncio” (1998), “O Caminho para Kandahar” (Prêmio do Júri Ecumênico de Cannes em 2001) e “O Presidente” (2014).

“Na cadeia, em prisão política, eu li um livro por dia, quase sempre de poesia. O Irã, de forma diferente do que se passa com o Ocidente, não tem uma tradição na pintura, porque pintar é proibido, mas tem uma

vasta história com poemas. O cinema que eu aprendi a fazer veio da imersão poética”, diz o cineasta ao Correio da Manhã no café do Espaço Augusta.

Na 35ª edição da Mostra, em 2011, ele recebeu um troféu honorário, o Prêmio Leon Cakoff. Ampliou ali sua relação com o evento, que exhibe hoje um par de .docs seus: “Aqui As Crianças Não Brincam Juntas” (às 22h30, no Espaço Augusta 2) e “Falando Com Rios” (às 20h10, no Cinesystem Frei Caneca). Em seu trabalho como jurado, ele delibera decises ao lado de Mohsen, a atriz brasileira Camila Pitanga, o ator e cineasta português Gonçalo Waddington, a curadora e produtora Hebe Tabachnik, o produtor Kyle Stroud e o crítico de cinema francês Thierry Meranger.

Como escritor, Makhmalbaf publicou 30 livros, traduzidos para diversos idiomas.

No bate-papo a seguir, o multiartista compartilha suas iquietações acerca da realidade iraniana.

Que corrente estética a sua filmografia segue?

Mohsen Makhmalbaf: Eu nasci na pobreza, o que me ensinou, desde cedo, a ter simpatia por pobres e a buscar narrativas que falem da realidade deles sem horrorizar. Passei quatro anos e meio na cadeia e tenho cicatrizes de tortura no meu corpo que documentam essa época. Com a dor, eu não virei intelectual e não me tornei alguém que faz filmes em busca de fama. Ser artista é querer transformar o mundo. Meu cinema ambiciona mudar vidas. No Irã, o filme que se diz independente ou tenta ser formalista ou quer ter várias dimensões de crítica social. Eu busco os dois extremos.

Dois longas iranianos que estão sob o veto de seu governo se destacaram em festivais estrangeiros: “Meu Bolo Favorito” foi laureado na Berlinale e “The Seed of The Sacred Fig”, em Cannes. Esse último pode ser nomeado ao Oscar, apesar da perseguição do Irã a seu realizador, Mohammad



Rasoulof. O senhor já viu os dois longas? Como vê essa perseguição estatal a eles?

Só vi o de Rasoulof. Gosto dele como pessoa, mas sinto que o filme dele impressiona mais as plateias estrangeiras do que as iranianas, pois se concentra em algo que já conhecemos bem. É uma boa sùmula, apesar disso. Sabia que, mais do que censurá-lo, o governo queria mantê-lo preso por oito anos? Eu não gosto do regime que temos hoje e de seu totalitarismo.

Seu cinema acredita na redenção, apesar das pressões de um estado marcado por travas que passam pela religião. O senhor ainda consegue acreditar em Deus?

No Deus que vem de fora, que está no alto, não, mas acredito na Natureza e creio

que há alma nela. Religiões criam dogmas. Há um poema iraniano que diz assim: “A verdade era um espelho que vivia no céu. Um dia ela caiu e se quebrou. Várias pessoas pegaram um caco de vidro desses e disse, ao olhar para aquele pedaço: ‘a verdade está nas minhas mãos, a verdade é minha’”. É assim que as religiões pensam.

Qual é o desafio de ser júri no Brasil?

A Mostra é um evento de grande relevância para a cultura do Brasil não só por trazer filmes dos maiores festivais do mundo, mas por cativar uma plateia que conhece cinema como poucas. Ao fazer a retrospectiva de um diretor como o indiano Satyajit Ray, ela nos oferece a entrada em uma obra que tem múltiplas camadas. O cinema nos leva ao desconhecido.



A diva do thriller trágico

A diretora francesa Patricia Mazuy renova as narrativas policiais com 'A Prisioneira de Bordeaux', revelação da Quinzena de Cannes que integra a leva final do festival paulista

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cults como "Rififi" (1955) e "O Samurai" (1967) são provas históricas do quanto os franceses amam o filão policial – apelidado por eles de polar – e o quanto o cinema daquela pátria busca construir uma cartilha muito pessoal em torno do gênero (do qual Hollywood usou e abusou), conectando-o com temas políticos ou existenciais – o que o é caso da obra de Patricia Mazuy.

A diretora é hoje uma diva dessa linhagem narrativa, elogiada nas páginas da revista "Cahiers du Cinéma" (Bíblia do audiovisual) pela força imagética de sua recorrente imersão nos códigos das narrativas criminais. Consagrada por "Paul Sanchez Está De Volta" (2018), ela refina seu estilo de retratar a Lei – e a bandidagem – no doloroso "A Prisioneira de Bordeaux" ("La Prisonnière De Bordeaux"), que a 48ª Mostra de São Paulo exhibe nesta quarta, quando sua programação chega ao fim. Revelada pela Quinzena de Cineastas de Cannes, em maio, a produção será projetada nesta quarta-feira (30), às 17h10, na Reserva Cultural 2.



Divulgação

'A Prisioneira de Bordeaux', de Patricia Mazuy, diretora elogiada em Cannes e pela prestigiosa revista Cahier du Cinema

Seu roteiro propõe um ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário. Duas mulheres de classes sociais diferentes, Mina (Hafsia Herzi) e Alma (Isabelle Huppert), vão formar uma aliança conforme visitam seus companheiros numa prisão.

"Ando atenta à dificuldade de diálogo que as pessoas têm hoje em dia, num espaço silencioso quase intransponível, de onde vem a brutalidade", disse Patricia ao Correio em Locarno, ao ser indicada ao Leopardo de Ouro por "Boliche Saturno" (2022).

Sem medo da violência, a cineasta faz um ensaio sobre a fraternidade ao narrar o conflito entre um ambicioso oficial da polícia francesa, Guillaume (Arieh Worthalter), e seu irmão malandro, Armand (o ótimo Achille Reggiani). Os problemas entre eles começam quando o pai morre e deixa como herança um clube de boliche. Guillaume crê que deixar o negócio nas mãos de Armand pode salvá-lo do ócio e do erro. Mas...

"Sinto que tenho feito filmes sobre espaços territoriais, mais do que sobre pessoas, nos quais os vetores geográficos se misturam a uma mirada trágica, que, aqui, em "A Prisioneira de Bordeaux", é aplicada a uma cidade provinciana da França", explica Patricia. "Estamos falando da violência de um lugar que se comporta de modo cosmopolita. Lá, as personagens travam uma relação especular de conflito. É essa tensão que eu busco na tradição do thriller francês".

Em 2022, a realizadora ganhou uma retrospectiva integral de sua obra no Festival de Mar Del Plata, na Argentina.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

ABÁ E SUA BANDA, de Humberto Avellar (Brasil): O bamba dos roteiros de comédia Sylvio Gonçalves é um dos escribas desta animação de forte apelo infantojuvenil. Seu protagonista, Abá, é um jovem príncipe em conflito com seus sonhos musicais e suas responsabilidades. Após romper com o pai, ele foge para se apresentar no Festival da Primavera ao lado dos amigos e descobre os planos de seu tio para acabar com a diversidade. Onde: Circuito SPCine, 15h



GRAND TOUR, de Miguel Gomes (Portugal): Recompensada com a láurea de Melhor Direção em Cannes, esta viagem histórica narra a reeducação do olhar da corajosa Molly (Crista Alfiate) em terras asiáticas. Em 1917, ela é abandonada pelo noivo depois de anos de relacionamento. O rapaz, Edward (Gonçalo Waddington), refugia-se em Rangun para evitar as bodas, mas ela o segue. Mergulha num mundo que não é o seu, de códigos avessos aos seus. Lá, vai se apaixonar por si e encontrar novas alegrias para rir do seu modo peculiar. Onde: Reserva Cultural, 17h20



ATRAVÉS DO FLUXO ("By The Stream"), de Hong Sangsoo (Coreia do Sul): Concorrente ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, este lírico drama do mais prolífico cineasta da atualidade acompanha a educação afetiva de uma professora chamada Jeonim. Ela pede a seu tio que dirija um esquete teatral a ser apresentado pelo departamento de sua escola. Todos os dias, Jeonim vai a um riacho próximo para desenhar e tentar entender seus padrões. Seu tio decide dirigir o esquete por causa de suas lembranças de ter se apresentado nessa mesma universidade 40 anos antes. Onde: Instituto Moreira Salles (IMS), 20h15



CORREIO CULTURAL



Divulgação

Izabella Cristo terá sua obra publicada em 2025

Jovem autora paraense vence o Prêmio Caminhos de Literatura

O livro “Mãezinha”, da escritora e médica Izabella Cristo, paraense radicada em São Paulo, foi eleito melhor romance de estreia pela comissão avaliadora do Prêmio Caminhos de Literatura, que analisou as 20 obras finalistas a partir da pré-seleção apresentada pelas subcomissões do prêmio.

A obra vencedora, que acom-

panha o drama de uma cirurgiã que entra em trabalho de parto prematuro, no qual ela e o filho correm risco na UTI, será publicada pela Editora Dublinense no primeiro trimestre de 2025 e terá uma tiragem inicial de dois mil exemplares. Antes disso, porém, a autora participará no dia 17 de novembro da Fliporto, em Olinda.

Uma boa causa

O leilão “Fans For Change”, do Rock in Rio Brasil 2024, arrecadou R\$ 390 mil com a venda de 47 itens exclusivos, incluindo guitarras, baquetas, setlists, acessórios e figurinos autografados por artistas que se apresentaram no festival.

Certificação

A Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria recebe até sexta (1) as inscrições para o selo Ospitalità Italiana. A certificação destina-se a reconhecer restaurantes, pizzarias e gelateria que seguem padrões tradicionais da culinária italiana.

Uma boa causa II

Ao todo, foram 2.716 lances, com destaque para a guitarra autografada pelo britânico Ed Sheeran, arrematada por R\$ 40 mil após 68 lances. Os valores arrecadados serão destinados às entidades Ação da Cidadania e Gerando Falcões.

Medo nas telas

O Halloween está chegando e a rede UCI anuncia para esta quinta (31) o UCI Day Terror, uma maratona de oito filmes, entre eles “O Iluminado” e a pré-estreia mundial de “Sting - Aranha Assassina”, com ingressos promocionais a R\$ 12.

Universo particular de uma estudiosa da música

Depois de publicar sobre grandes nomes da música, Ermelinda A. Paz abre seu baú de lembranças

Bianca Bunier/Divulgação



Transitando entre o erudito e o popular, Ermelinda A. Paz é uma das mais destacadas musicólogas brasileiras

Com uma vida dedicada ao ensino, pesquisa e educação na área da música, responsável por livros que se tornaram cânones na musicologia brasileira, a musicóloga Ermelinda Paz direciona, desta vez, seu olhar pra si, convidando o leitor a explorar o seu imenso universo particular. Em “Uma quase biografia em tom e semitom” (Editora Irmãos Vitale), a pesquisadora vai além dos detalhes encontrados em sua página na internet e no Lattes, como a infância em Realengo,

o amor pela Mocidade Independente, o convite para ser jurada da Liesa, a entrevista despojada com Tom Jobim e até as recentes alegrias como Vovó Linda, seu alterego responsável pelo resgate e regravações de dezenas de canções infantis do Brasil e do mundo – no terceiro volume do álbum “Cantando e brincando com Vovó Linda” em que cantou em 17 idiomas diferentes, mergulhando em um cancionário folclórico de países como Hungria, Tchecoslováquia, China, dentre muitos outros.

Neste seu novo livro “quase autobiográfico”, a autora não apenas descreve sua vida profissional e suas conquistas, mas também conduz o leitor por corredores pouco iluminados, revelando aspectos íntimos e pessoais que muitas vezes permanecem ocultos, até mesmo para aqueles mais próximos.

Seu longo e detalhado estudo é dividido em duas partes: na primeira, a autora relata e avalia com emoção, sua infância, juventude e formação profissional; na segunda, mergulha nos universos da musicologia e da pedagogia musical dos séculos XX e XXI, em particular a brasileira, detendo-se particularmente nos procedimentos pedagógicos que emprega no campo da percepção musical.

Na área da Musicologia, a pesquisa de Ermelinda, extensa e rica, volta-se para a temática brasileira, com um olhar atento para Villa-Lobos e sua relação música popular/erudita, por ele incansavelmente explorada enquanto compositor e educador. Em diversos capítulos de “Uma quase biografia em tom e semitom”, a autora comenta os livros que escreveu, entre eles “Villa-Lobos, Sôdade do Cordão”, “Villa-Lobos e a música popular brasileira” e “500 Canções Brasileiras”.

“Escrever a respeito de si mesmo é sempre um risco de nos tornarmos enfadonhos e desinteressantes... mas esse risco, Ermelinda não corre e, ao contrário, consegue nos deliciar, pela maneira pitoresca com que relata episódios de sua infância e juventude”, opina Marisa Trench de Oliveira Fonterada, professora e pesquisadora da Unesp.

De volta ao Rio, espetáculo mergulha no onírico mundo da poeta Hilda Doolittle a partir de seus escritos sobre suas sessões de psicanálise com Sigmund Freud



Antonio Quinet e Juliana Teixeira revivem o encontro entre a poeta e o pai da psicanálise no espetáculo 'Hilda e Freud'

Concebida para ser um espetáculo itinerante do Freud Museum, em Londres, onde estreou em 2013, "Hilda e Freud", da Cia. Inconsciente em Cena, volta à cena carioca depois de nove anos para uma curta temporada no Teatro Vannucci.

Escrito pelo dramaturgo, encenador e renomado psicanalista Antonio Quinet e dirigido por ele em parceria com Regina Miranda, o espetáculo é baseado na correspondência e nos escritos da poeta Hilda Doolittle sobre suas sessões com Sigmund Freud em Viena, na Áustria, nos anos 1930, num período conturbado em que a psicanálise estava florescendo e o mundo se deteriorava no período entreguerras. Em "Hilda e Freud", o fundador da psicanálise é retratado pelo ponto de vista de uma paciente.

Em cena, Antonio Quinet dá vida à Freud e Juliana Teixeira à poeta Hilda Doolittle, uma mulher à frente de seu tempo, com vida afetiva libertária e conturbada, que busca na psicanálise um tratamento para seu bloqueio na escrita.

A peça faz o espectador entrar no consultório de Freud e ver por dentro como é o processo de tratamento psicanalítico. Os medos, amores, lutas, sonhos e alucinações da paciente suscitam em seu analista intervenções geniais que mudam a vida da escritora, além

Um encontro marcante nas raias do inconsciente

de selar uma forte amizade entre os dois.

"A análise da poeta Hilda Doolittle com Sigmund Freud, na Viena dos anos 1930, compõe um dos mais importantes testemunhos sobre a prática da psicanálise efetuada por seu fundador", conta Antonio Quinet, diretor da Cia. Inconsciente em Cena, grupo fundado por ele em 2005, com nove peças de repertório que dialogam com o universo psicanalítico.

Com vários livros publicados no Brasil e exterior, Quinet é

referência ao unir a arte teatral a temas centrais da psicanálise, sobretudo o inconsciente. Quinet é ainda patrono do Freud Museum, de Londres, onde ministra cursos e encena peças de teatro.

A peça mescla uma linguagem poética e culta com projeções contemporâneas que ambientam o espectador na imaginação e no inconsciente dos personagens. A direção de arte e cenografia, assinadas por Analu Prestes, transportam o público para o poder evocador dos versos e das imagens poéticas do universo

imaginista, movimento literário inglês do qual Hilda Doolittle foi o símbolo.

O espetáculo faz parte da pesquisa "Teatro e psicanálise", desenvolvida por Antonio Quinet no âmbito do mestrado e doutorado da Universidade Veiga de Almeida, na qual pretende transmitir a psicanálise através do teatro, e assim levar ao público, artisticamente, às descobertas do inconsciente. Após as apresentações, haverá um bate-papo com o elenco e com uma personalidade convidada.

"Hilda e Freud" estreou mundialmente em 2013 no Freud Museum, em Londres, casa original e consultório do psicanalista. Em 2015, foi apresentada em espanhol em Buenos Aires, na Argentina, e voltou para mais uma temporada em Londres. Em dezembro do mesmo ano, teve sua estreia no Brasil com Bel Kutner como Hilda Doolittle, na Cidade das Artes.

Desde então, a peça já foi apresentada em várias cidades do Brasil e também no exterior, em Barcelona (Espanha), Medellín (Colômbia), Nova York (EUA) e Melbourne (Austrália). Recentemente, em maio deste ano, esteve novamente em Londres no Freud Museum para apresentações em inglês e em português. A montagem já foi vista por mais de 18 mil espectadores.

SERVIÇO

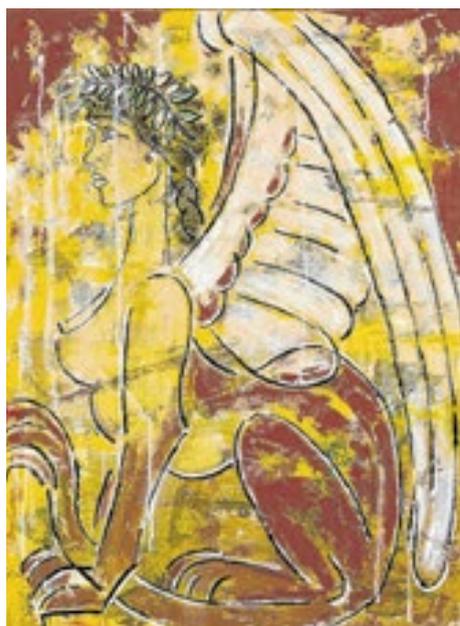
HILDA E FREUD
Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso)
De de 31/10 a 5/12, às quintas (21h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Um olhar sobre o feminino na mitologia

Artista plástico Bruno Castaing expõe telas de produção recente de 2 a 15/11 na Galeria Dobra, na Fábrica Bhering



O olhar de Bruno Castaing é profundamente influenciado pela fotografia, através dos enquadramentos e movimentos formais



Influenciado por seres mitológicos em forma de mulher, o artista plástico Bruno Castaing apresenta suas mais recentes pinturas na exposição “Cores do Sagrado”, a partir do próximo sábado (2), na Galeria Dobra, na Fábrica Bhering.

Francês radicado no Brasil, Castaing tem enorme atração pelo figurativo. Seu trabalho artístico, predominantemente em acrílico sobre tela, demonstra cores vibrantes, traço bem definido com inspiração na mitologia, na representação clássica ou no fantástico, tendo a musa feminina como recorrência.

Neste trabalho recente, o artista, envolvido na busca de sentido cósmico, mergulha nos laços entre o sagrado e as representações míticas.

Vivendo no Rio desde os anos 1990, Castaing passou a se dedicar à pintura depois de 30 anos atuando preferencialmente com a fotografia. “Fui atraído por uma força autoral, calcada pelo processo manual e artesanal únicos, pela alquimia e magia do uso das tintas”, conta.



Seu olhar é profundamente influenciado pela fotografia, através dos enquadramentos e movimentos formais. Em Paris, estudou artes visuais na EFET- Ecole Française Privée d'Enseignement Technique.

Na direção da galeria Dobra desde o início de 2024, Castaing oferece a outros artistas a possibilidade de expor os seus trabalhos na Fábrica Bhering, importante roteiro cultural alternativo da cidade que reúne diversas galerias e estúdios.

“Cores do Sagrado” poderá ser visitada até o dia 15 de novembro. Nos dias 8, 9 e 10, as obras poderão ser visitadas durante a Feira de Arte Aberto, no Circuito Interno Bhering.

SERVIÇO

CORES DO SAGRADO

Galeria Dobra (Fábrica Bhering - Rua Orestes, 28 - Santo Cristo)

De 2 a 15/11, de segunda a sexta (10h às 18h) e sábados (13h às 20h)

Entrada franca